

Língua Portuguesa

Para responder às questões de números **01** a **03**, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus”. Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d’água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela ria contente, diria a gemer: “precisava não, moço bonito ...” E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

1 c

No texto, o autor relaciona a cultura nacional à estrangeira, buscando, por meio da comparação, estabelecer equivalências entre elas. O trecho do texto que indica esse tipo de comparação é

- a) Passou o dedo indicador no polegar ...
- b) ... servira cachaça de graça aos marinheiros.
- c) No balcão colocou a nórdica mãe-d’água ...
- d) ... e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus” .
- e) Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível.

Resolução

No trecho transcrito, duas mitologias são aproximadas

através das figuras da "sereia nórdica" representada no broche e da divindade afro-brasileira Iemanjá.

2 e

A oração *Vasculhou os bolsos o loiro sueco*, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a

- a) Vasculhou-o os bolsos.
- b) Vasculhou-se o loiro sueco.
- c) Vasculhou-lhe os bolsos.
- d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
- e) Vasculhou-os o loiro sueco.

Resolução

Na oração sob análise, "os bolsos" é objeto direto de "vasculhar", sendo, pois, substituível pelo pronome oblíquo átono "os"; "o loiro sueco" é sujeito.

3 e

Assinale a alternativa que contém um trecho em que o autor apresenta as informações numa linguagem altamente conotativa.

- a) ... soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib...
- b) Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina ...
- c) Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão...
- d) Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.
- e) Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.

Resolução

No trecho transcrito na alternativa a, "pesado", em "bafo pesado", é uma metáfora sinestésica, mas tal figura não faz que a linguagem da frase possa ser considerada "altamente conotativa". A descrição contida na alternativa e é inteiramente vazada em linguagem figurada, conotativa, pois são metafóricos todos os predicados atribuídos a Gabriela.

As questões de números **04** e **05** baseiam-se no poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, do qual se reproduzem, a seguir, três estrofes.

Mas um velho, de aspeito venerando, (= aspecto)
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

" Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiaça

C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana."

4 b

Os versos de Camões foram retirados da passagem conhecida como *O Velho do Restelo*. Nela, o velho

- abençoa os marinheiros portugueses que vão atravessar os mares à procura de uma vida melhor.
- critica as navegações portuguesas por considerar que elas se baseiam na cobiça e busca de fama.
- emociona-se com a saída dos portugueses que vão atravessar os mares até chegar às Índias.
- destrata os marinheiros por não o terem convidado a participar de tão importante empresa.
- adverte os marinheiros portugueses dos perigos que eles podem encontrar para buscar fama em outras terras.

Resolução

O Velho critica as navegações empreendidas pelos portugueses, como se afirma na alternativa correta, e seu discurso é emocionado, especialmente quando se refere aos males decorrentes daquela aventura. Portanto, não parece errado o que se afirma na alternativa c.

5 a

Entre os versos *Chamam-te ilustre, chamam-te subida, / Sendo digna de infames vitupérios*, a relação que se estabelece é de

- oposição.
- explicação.
- causa.
- modo.
- conclusão.

Resolução

Pode-se reescrever o período explicitando-se o nexos adversativo entre as orações: Chamam-te ilustre, chamam-te subida, MAS és digna de infames vitupérios.

As questões de números **06** a **08** referem-se ao trecho de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, reproduzido a seguir. Nessa obra, a personagem Diadorim é uma mulher que se faz de homem para entrar no bando de Riobaldo – narrador da história – e vingar a morte de seu pai. Riobaldo só descobre isso depois da morte de Diadorim.

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava

parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. (...) De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa?

6 c

As considerações do narrador mostram-no confuso pelo fato de

- a) estar apaixonado sem ser correspondido.
- b) não conseguir esconder o seu amor por Diadorim.
- c) perceber que nutria por Diadorim um amor homossexual.
- d) sentir crescer o amor de Diadorim por ele.
- e) ser ignorado por Diadorim, que não sabe de seu amor.

Resolução

Que a confusão de Riobaldo se deve à consciência de estar nutrindo uma paixão homossexual é patente no trecho: "De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?!"

7 d

As orações interrogativas que finalizam o trecho permitem entender que

- a) o amor representa, necessariamente, indecisão.
- b) o amor não revela a sensibilidade humana.
- c) sem culpa não se vive o amor.
- d) não há culpados quando se ama.
- e) o amor é sentimento de culpa e sofrimento.

Resolução

As interrogações que fecham o texto transcrito são retóricas, ou seja, valem como afirmações – ou, no caso, negações –, pois são perguntas que implicam a presunção de uma resposta negativa.

8 b

Assinale a oração em que, alterando-se a posição do pronome, faz-se a sua adequação ao registro prescrito pela gramática normativa da língua portuguesa.

- a) Ele tinha a culpa? = Tinha a culpa ele?
- b) Me franzi. = Franzi-me.
- c) Os olhos – vislumbre meu ... = Os olhos – meu vislumbre ...
- d) ... como o de nenhum pasto. = ... como o de pasto nenhum.
- e) De que jeito eu podia amar um homem ... = De que jeito podia eu amar um homem ...

Resolução

De acordo com a norma culta da língua portuguesa, não se começa uma oração com um pronome pessoal

obliquo átono. Daí, alterando-se a posição do pronome me na alternativa b (Me franzi), teremos Franzi-me, forma adequada, consagrada pelo registro culto.

Para responder às questões de números **09** e **10**, leia a charge a seguir.



(www.chargeonline.com.br)

9 d

As informações da charge, presentes nas falas de ambas as personagens, permitem afirmar que

- a) o marido mora longe do trabalho.
- b) os sapatos são muito caros.
- c) o marido não sabe economizar sapato.
- d) o preço do combustível está muito alto.
- e) a família tem muita despesa com sapatos.

Resolução

As informações da charge, presentes nas falas de ambas as personagens, permitem afirmar que o preço do combustível está muito alto; daí, é mais barato comprar sapato toda semana do que abastecer o carro.

10 a

Na fala da mulher, substituindo *é mais barato por é preferível* e adequando a frase à norma culta, obtém-se:

- a) É preferível comprar sapato toda semana a abastecer o carro.
- b) É preferível comprar sapato toda semana do que abastecer o carro.
- c) É preferível comprar sapato toda semana que abastecer o carro.
- d) É preferível comprar sapato toda semana de que abastecer o carro.
- e) É preferível comprar sapato toda semana ante a abastecer o carro.

Resolução

O adjetivo preferível, como o verbo preferir, rege a preposição "a" (alguma coisa é preferível a outra). Não são aceitas as formas preferível que, a que, do que ou ante.

2ª Parte – Questões Discursivas

Língua Portuguesa

As questões de números 17 a 19 baseiam-se nos textos a seguir.

Iracema, de José de Alencar.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

(...)

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

– Quebras comigo a flecha da paz?

– Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

– Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

– Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

Rosinha, minha canoa, de José Mauro de Vasconcelos.

Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.

– Que é que foi Andedura?

Andedura sungou a canoa na areia.

– Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, porque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de munto remédio.

– E que é que ele quer comigo?

– Sei não. (...) Tu vai?

O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.

– Como é que é o homem?

Grandão, meio *laranja* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta "mororã" porque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ...

Feito o retrato o índio descansou ...

17

Os trechos de Alencar e Vasconcelos pertencem a diferentes momentos da literatura brasileira e dão indícios muito claros das características de cada momento.

- a) Relacione cada trecho à tendência literária a que pertence e aponte uma característica de cada que permita estabelecer tal relação.
- b) A questão da civilidade é apresentada de forma diferente em cada texto, pelo fato de representarem diferentes momentos histórico-sociais. Comente como essa noção define os personagens indígenas nos textos.

Resolução

a) *O texto de José de Alencar evidencia a prosa do Romantismo em sua vertente indianista ou nacionalista. A visão idealizada dos primeiros contatos entre a natureza e a civilização visa à instauração de uma mitologia acerca da formação da nacionalidade e ao engrandecimento de nossas raízes étnicas. Essa intenção projeta-se no embelezamento e no enobrecimento das personagens e reflete-se na linguagem solene e adjetivosa.*

O texto de José Mauro de Vasconcelos é contemporâneo, o que, por convenção cronológica, vincula-o ao terceiro tempo modernista. De "moderno" poder-se-ia mencionar a liberdade com que o autor (mal) trata a língua portuguesa, tentando afetar a espontaneidade do registro oral e popular, através de neologismos e coloquialismos muito distantes do poderoso trabalho artístico que Guimarães Rosa e outros realizam, a partir da fala.

b) *Em Alencar, o romance Iracema, escrito no século XIX, refere-se ao início do século XVII, aos primórdios da colonização. O índio, síntese das virtudes da nova terra, é apresentado em seus primeiros contatos, hostis ou amistosos, com o colonizador. Daí a reação inicialmente agressiva da índia tabajara contra o "desconhecido", contra o "guerreiro branco". Em José Mauro de Vasconcelos, o índio aparece já assimilado à civilização e o contato com o homem branco já não provoca qualquer estranhamento.*

18

Os textos mostram possibilidades de expressão dentro de uma mesma língua: os recursos lingüísticos de Alencar não são, na sua totalidade, os mesmos empregados por Vasconcelos.

- a) Observando a fala de Iracema e Andedura, percebe-se que ambos utilizam a 2ª pessoa do singular para se referirem ao seu interlocutor. Em que os usos de ambos se diferenciam? Reescreva uma frase de cada uma dessas personagens, empregando o registro de 3ª pessoa do singular.
- b) Como se pode explicar a formação das expressões *laranja* e *chegô*, presentes na fala de Andedura?

Resolução

a) Em Alencar, o emprego da segunda pessoa pronominal obedece às normas da língua culta; em José Mauro de Vasconcelos, há freqüentes transgressões, que visam à aproximação com a fala, com o registro popular, através da mistura de pronomes de tratamento.

“– Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras...”. Neste caso a mudança de tratamento para a terceira pessoa ocorre porque o falante dirige-se ao interlocutor invocando-o através de um epíteto: “o estrangeiro”.

“Tu vai?”. O verbo ir, na terceira pessoa – “vai” –, não concorda com o pronome de segunda pessoa – “tu”.

b) “laranjo”, que, no contexto, pode significar “amarelado”, “loiro”, “aloiado”, é um neologismo decorrente da transformação do substantivo laranja, em adjetivo “laranjo”, como designativo de cor dos cabelos.

“Chegô” é transcrição da pronúncia popular de “chegou”, terceira pessoa do singular do perfeito do indicativo do verbo chegar. Nessa pronúncia, corrente no Brasil, ocorre a simplificação do ditongo ou, que se transforma na vogal ô.

19

Em *Iracema*, Alencar traz como personagem central uma índia.

a) Como se define a personagem Iracema, mulher e índia, em relação ao movimento literário a que pertenceu Alencar?

b) Os vocativos presentes nas falas de Iracema e do moço desconhecido permitem analisar como cada um deles concebia o outro. Transcreva esses vocativos do texto e explique a imagem que Iracema tinha do desconhecido e a imagem que ele tinha de Iracema.

Resolução

a) *Iracema* é, tanto como mulher quanto como índia, uma protagonista tipicamente romântica. Como mulher, reúne os atributos de beleza, altivez e doçura, e personifica uma espécie de “mártir do amor”. É tão arrebatadamente apaixonada pelo guerreiro branco, Martim Soares Moreno, que o seduz e entrega-se a ele, transgredindo os votos que fizera a Tupã, como uma espécie de vestal ou sacerdotiza, atraindo para si e para os seus a ira do deus indígena. Nessa direção, assemelha-se ao arquétipo romântico que remonta a uma antiqüíssima tradição. Ressalta-se ainda, na idealização dos traços da beleza feminina da “virgem dos lábios de mel”, a nacionalização dos atributos pelas comparações e símiles extraídos da natureza tropical: cabelos negros como “as asas da graúna”, hálito doce como o “favo do jati” etc.

b) Iracema chama Martim de “guerreiro branco” e, em

um primeiro instante, concebe o estranho como uma ameaça e reage agressivamente. Sua primeira fala revela que a índia desconhecia o colonizador branco: "Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?" Martim chama Iracema de "filha da floresta" e revela ter contato anterior com o nativo, identificando a índia como pertencente à nação tabajara, que já possuía a terra ocupada, no litoral, pelos potiguaras, aliados dos portugueses. Também idealizado sob o modelo das virtudes do guerreiro cristão e do cavaleiro medieval, Martim reprime a reação, inspirado "na religião de sua mãe, em que a mulher é símbolo de ternura e amor.

Para responder às questões de números **20** e **21**, leia os textos a seguir.

Psicografia, de Ana Cristina Cesar.

Também eu saio à revelia
e procuro uma síntese nas demoras
cato obsessões com fria têmpera e digo
do coração: não soube e digo
da palavra: não digo (não posso ainda acreditar
na vida) e demito o verso como quem acena
e vivo como quem despede a raiva de ter visto

Autopsicografia, de Fernando Pessoa.

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só as que eles não têm.
E assim nas *calhas de roda*
Gira, a entreter a razão,
Esse *comboio* de corda
Que se chama o coração.

Vocabulário:

comboio: trem de ferro.

calhas de roda: trilhos sobre os quais corre o trem de ferro.

20

Compare os poemas de Fernando Pessoa e de Ana Cristina Cesar e responda:

- Por que se pode dizer que em ambos os poemas está presente a função metalingüística?
- Explique a ambigüidade presente no poema de Fernando Pessoa, revelada pelo título e pelo adjetivo *fingidor*, em contraste com o poema de Ana Cristina Cesar.

Resolução

- a) A função metalingüística revela-se, em ambos os textos, na problematização da poesia e da palavra, indicada no primeiro texto pelas alusões: "digo da palavra", "demito o verso" e nas quadras antológicas de Fernando Pessoa: "O poeta é um fingidor", "E os que lêem o que ele escreve", "dor lida", referências ao fazer poético e à recepção da poesia.
- b) "Psicografia" e "Autopsicografia" revelam, já a partir dos títulos, propostas divergentes: o primeiro sugere a escritura, a grafia que se faz, ou que alguém faz, da alma ("psico", "psiquê"), do eu-lírico; o segundo identifica, pelo prefixo "auto", a concepção do "eu" poemático sobre o fazer poético e sobre a recepção da poesia pelo leitor, construindo uma densa "ars poética", moderna, complexa, em contraste com o pseudo-hermetismo do primeiro texto. "Fingidor" é um articulado jogo verbal (paronomásia): "fingidor" (adjetivo) e "finge" (verbo) e "dor" (substantivo).

21

Na segunda estrofe do poema de Fernando Pessoa, há um jogo de sentido estabelecido entre os pronomes *ele* e *eles*.

- a) A quem se refere cada um desses pronomes?
- b) Como se pode entender a *dor*, referida nesta estrofe, em relação a *ele* e *eles*?

Resolução

- a) Os pronomes *ele* e *eles* referem-se, respectivamente, a poeta e aos leitores do poema, "os que lêem".
- b) A *dor* para o poeta é, paradoxalmente, fingida e sentida ("que chega a fingir que é dor" / "A dor que de veras sente"). Já os leitores concebem outras dores ao ler o texto, eles têm experiência inusitada, ampliam os horizontes ao fruir o texto.

22

O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias; e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desatendem, ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons, ou os homens de bom coração; e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um ...

(Padre Vieira, Sermão da Sexagésima)

Pode-se dizer que os sermões de Vieira revestem-se de um jogo intelectual no qual se vê o prazer estético do autor para pregar a palavra de Deus, por meio de uma linguagem altamente elaborada.

- a) Um dos recursos bastante utilizado por Vieira é o de disseminação e recolha, por meio do qual o autor "lança" os elementos e depois os retoma, um a um, explicando-os. Transcreva o período em que Vieira faz esse lançamento dos elementos e indique os termos aos quais eles vão sendo comparados.
- b) Explique que comparação conduz o fio argumentativo do Padre Vieira neste trecho.

Resolução

- a) *"O espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens." Nesse período, são "lançados" ou "disseminados" os elementos. Na "recolha", eles são retomados um a um para que sejam comparados aos diversos "corações" ou tipos de homens que, de acordo com a sua natureza, receberam diversamente a palavra de Deus, representada pela metáfora do trigo: os espinhos são os homens envolvidos em seus próprios interesses materiais e egoístas; as pedras, os homens duros e insensíveis; os caminhos são os homens intranquillos com o fluxo do tempo e das coisas da vida; a terra boa, finalmente, são os homens receptivos à palavra divina.*
- b) *Na alegoria de Vieira, a comparação, ou melhor, a metáfora básica, que esteia todo o desenvolvimento do trecho e as demais comparações, é aquela extraída do texto bíblico e usada como epígrafe do sermão: "Semen est verbum Dei" – "a palavra de Deus é semente".*

23

A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria: *Eles lularam na reta final*. Tomando-se como referência o contexto das eleições, responda:

- a) Qual o significado da forma verbal *lularam*?
- b) Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

Resolução

- a) *A forma verbal lularam, que aparece no título da matéria publicada pela revista Veja de 02.10.2002, tem o seguinte significado: eles (os empresários brasileiros) passaram para o partido de Lula na reta final.*
- b) *O recurso usado para se criar o verbo lular é conhecido com o nome de derivação sufixal: lula + ar = lular.*

24

Entre eles, o casamento não era a mesma coisa que costuma ser para os outros; nada tinha das alegrias

inefáveis ou das ilusões juvenis. Era um ato simples e grave. E foi o que Estela lhe disse a ele, no dia em que trocaram reciprocamente as primeiras promessas.

– Creio que nenhuma paixão nos cega, e se nos casamos é por nós julgarmos friamente dignos um do outro.

– Uma paixão de sua parte, em relação à minha pessoa, seria inverossímil, confessou Luís Garcia; não lha atribuo. Pelo que me toca, era igualmente inverossímil um sentimento dessa natureza, não porque a senhora o não pudesse inspirar, mas porque eu já o não poderia ter.

– Tanto melhor, concluiu Estela; estamos na mesma situação e vamos começar uma viagem com os olhos abertos e o coração tranqüilo. Parece que em geral os casamentos começam pelo amor e acabam pela estima; nós começamos pela estima; é muito mais seguro.

(Machado de Assis, *Iaiá Garcia*)

Alfredo Bosi, em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, faz a seguinte consideração:

"... livros como *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia* tiveram um significado preciso na história do romance brasileiro: alargaram a perspectiva do melhor Alencar urbano no sentido de encarecer o relevo do *papel social* na formação do 'eu', papel que vem a ser aquela segunda natureza, considerada em *Iaiá Garcia* 'tão legítima e imperiosa como a outra'.

O roteiro de Machado após a experiência dos romances juvenis desenvolveu essa linha de análise das máscaras que o homem afivela à consciência tão firmemente que acaba por identificar-se com elas."

- a) Qual a concepção de casamento que o autor define em sua obra? Confirme a sua resposta com informações do texto.
- b) Considerando as informações de Alfredo Bosi, especialmente no que diz respeito às *máscaras*, de que maneira Machado concebe a sociedade?

Resolução

- a) *No diálogo entre Estela e Luís Garcia fica patente que no casamento deles existe a estima ("os casamentos começam pelo amor e acabam pela estima; nós começamos pela estima"), a escolha baseada na análise fria ("e se nos casamos é por julgarmos friamente dignos um do outro"). Fica, portanto, excluído o amor passionai, expectativa comum dos nubentes ("Entre eles, o casamento não era a mesma coisa que costuma ser para os outros; nada tinha das alegrias inefáveis ou das ilusões juvenis. Era um ato simples e grave").*
- b) *Segundo o texto, a obra de Machado de Assis encarece "o relevo do papel social na formação do 'eu'", portanto, a sociedade modela, se não a personalidade integral, pelo menos as máscaras, as atitudes, as opiniões aparentes que devem ser manifestadas para não ferir o senso comum daquele meio. O papel social, "aquela segunda natureza", faz com*

que em Iaia Garcia, *impere no casamento a escolha fria*.

Redação

As drogas preocupam os diversos segmentos da sociedade, quer seja pelos jovens cada vez mais cedo tomando parte do chamado "mundo das drogas", quer seja pelo complexo sistema do narcotráfico, que tem desafiado, de forma acintosa, as autoridades.

Elabore uma dissertação em prosa, expondo seu ponto de vista sobre a seguinte questão:

As drogas devem ser liberadas?

Textos auxiliares:

1) Opiniões de leitores, enviadas ao "Fórum dos Leitores" do Jornal *O Estado de S. Paulo*, em janeiro de 2001.

– Discriminar e Legalizar – Ao invés de ficar pregando contra as drogas, porque não agimos de forma positiva? Todos sabemos que as drogas, nas suas mais variadas formas, são consumidas desde a Antiguidade. Como remédios, como anestésicos, como entorpecentes, como forma de se divertir, como forma de se esquecer da vida desgraçada, etc. Portanto, sempre haverá seres humanos dispostos a consumi-las, sempre. Na década de 20, os EUA tentaram proibir o consumo da mais famosa, o álcool. Deu no que deu. Tráfico, tiroteios, mortes. O consumo caiu? Não, só aumentou, tiveram de legalizar. Com a legalização, o governo passou a arrecadar – e como! – impostos com o consumo de álcool. A indústria de bebidas cresceu na legalidade, oferecendo empregos. As pessoas que consumiam escondidas, sem saber de onde vinha o produto, passaram a ter direitos de consumidor, para poder reclamar do produto. Imaginam isso acontecer com a maconha e a cocaína, por exemplo? O governo poderia controlar a produção, taxar fortemente e arrecadar muito. Os consumidores estariam protegidos, pois haveria garantias do produto, o fabricante teria sua "marca" e tal, como as cervejas. E o melhor de tudo, milhares de vidas que se perdem hoje nos tiroteios entre traficantes e contra a polícia seriam preservadas. Na Europa os movimentos de descriminalização da maconha ganham força. Quando o Estadão, em seus Editoriais, vai apoiar tal medida? Só depois de atingirmos mais de um milhão de mortos, ou quando nos EUA tomarem esta medida e vocês se virem obrigados a copiar?

– É inegável que o uso sistemático de drogas leva à degradação física, psíquica e moral os indivíduos, fato que se constitui em um desafio a ser vencido pela sociedade como um todo, a começar na órbita familiar, onde os pais devem orientar os filhos, perceber suas

reações, identificar alterações de comportamento, impedindo, sobretudo, que se viciem.

Se, de um lado, as escolas têm, também, papel fundamental, com vista à orientação dos jovens, assim como a polícia deve estar suficientemente aparelhada, ensejando a que haja maior eficiência no combate ao tráfico, de outro, cabe igualmente aos médicos e sistemas de saúde, numa ação multidisciplinar, grande responsabilidade, tanto na orientação preventiva, quanto na recuperação dos viciados.

Está claro, todavia, que com tal iniquidade não se pode conviver, diante de uma atitude omissa e irresponsável do poder público, cujo problema tem imposto fragorosa derrota a todas as nações, consoante o Programa das Nações Unidas para o Controle de Drogas (UNDCP) revela que o tráfico movimentava cerca de 400 bilhões por ano, o equivalente a 8% das exportações mundiais, de sorte que a batalha contra os entorpecentes seja travada junto a seu elo que se reputa mais frágil e exposto: os pré-falados viciados.

2) *Veja*, 14 de novembro de 2001.

Felipe é um dentista de 53 anos. Como tantos outros de sua geração, começou a fumar maconha nos anos 60, quando a erva fazia parte do pacote básico dos jovens que queriam “contestar o sistema” ou apenas “curtir numa boa” (...). Felipe acendia baseado escondido dos pais. Depois de adulto e casado, continuou a fumar os cigarrinhos enrolados em papel de seda, mas sem ocultar o hábito de seus dois meninos. Hoje, a maconha é um item menos presente no cardápio de Felipe. Mas se tornou algo a ser compartilhado com os filhos. No mês passado, ele e Lúcio, o primogênito de 26 anos, introduziram o caçula de 16 na rodinha de fumo caseira. *Nessas ocasiões, ficamos alegres, rimos bastante*, diz Felipe.

O fenômeno do *baseado em família* já apresenta proporções suficientes para chamar a atenção dos especialistas no tratamento de dependentes químicos. (...)

Para esses pais, fumar maconha é uma experiência inócua, que serve inclusive para estreitar laços. É uma visão equivocada. Assim como o álcool e o tabaco, a maconha faz mal, sim, à saúde. Com um agravante: é droga ilegal. Esse fato, no caso do “baseado em família”, tem implicações maiores do que a pena criminal. Uma das funções dos pais é inculcar nos filhos a obediência a determinados códigos. Em muitos pontos, as figuras paterna e materna encarnam as próprias regras sociais, o que é essencial não só para a educação, como para a formação da personalidade da criança e do jovem. (...) Os especialistas são unânimes: se um adulto é usuário de maconha (ou de qualquer outra droga), que a utilize longe da vista de seus filhos.

A hipocrisia, aqui, é mesmo um elogio que o vício presta à virtude.

Redação – Comentário

O tema proposto pela Banca Examinadora é da maior atualidade: “As drogas devem ser liberadas?” Entre os textos oferecidos como apoio ao candidato, diversas opiniões são contempladas, tanto a favor quanto contra a liberação. É de supor que os vestibulandos já tenham tido ocasião de refletir sobre o assunto, seja em razão de sua importância e até de sua urgência, o que faz com que seja tema constante de matérias publicadas na imprensa, seja em razão da presença inegável das drogas no universo dos jovens de hoje. Defender a liberação ou condená-la não é o ponto decisivo do trabalho pedido; o principal são os argumentos empregados em defesa da opinião defendida. A clareza e a pertinência com que se desenvolvam os argumentos, a lógica com que eles sejam encadeados, assim como a qualidade da linguagem empregada, constituem os fatores decisivos para o êxito na redação.